

JOVENS, RELIGIOSIDADE E AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS E HABILIDADES ENTRE CAMADAS POPULARES

Russell Parry Scott
Jonhny Cantarelli

Quando um jovem participa de uma Igreja, que implicações isso traz para a sua aquisição de conhecimentos e habilidades? Quando esse jovem pertence às camadas populares e enfrenta opções entre várias Igrejas, como sua escolha influencia a organização de sua vida, com regras morais e redes de relações? Com essas questões em pauta, examinam-se três grupos de jovens inseridos em grupos de diferentes instituições religiosas em dois bairros populares do Recife.

Participar de uma Igreja é compreendido como um ato de reprodução social que oferece a oportunidade de aproveitar marcas diacríticas que podem reforçar o capital social específico de pertencimento a um certo segmento das camadas populares, ou até da própria superação desse pertencimento (Bourdieu, 1987, 2001). Ser de um grupo religioso já é um diferenciador moral que separa os jovens rapazes e moças de outros jovens não pertencentes a esses grupos, o que independe da intensidade da adesão dos jovens às idéias e às práticas desses grupos, ou seja, da fé e das obras.

Mesmo dentro do grupo de jovens que aderem a religiões, há muitas juventudes, ou seja, uma diversidade de grupos, o que está em perfeita consonância com as observações dos estudos mais amplos sobre a juventude (Pais, 1993; Alvim 2004; Alvim e Gouveia 2002; Bourdieu, 1983; Castro, 2002; Abramo 1997; Abramo *et al* 2000 e Martin Criado 1997). A maneira de lidar com as próprias faixas etárias, com as relações de classe e de gênero e com a adoção de padrões de sociabilidade e práticas de aprendizado se entrecortam, num processo de reprodução social que direciona as inclusões e exclusões sociais acionadas ou reforçadas na construção da sua vivência da atualidade e do futuro como membro de um segmento religioso das camadas populares.

A opção da religiosidade para os jovens é muito bem delineada por Novaes (2001), quando identifica mudanças na forma de transmissão de crenças entre gerações, conferindo-lhes uma maior liberdade, permitindo-lhes a construção de outras classificações baseadas em referências religio-

sas e no “outro”, ou “outros” de quem querem se diferenciar. Assim, a adesão a uma denominação religiosa aparece como relevante na construção de uma identidade juvenil que pretende “ser diferente”.

Machado (1996) e Couto (2000) demonstram que há uma variedade de adesões religiosas, inclusive dentro das mesmas famílias das camadas populares, e isso faz parte de um processo de mudança social de populações e estruturas de poder privadas e públicas onde a atuação do jovem é importante. Essa atuação é entendida aqui como uma inserção social mediada por uma rede de relações que estimulam a aquisição de habilidades e conhecimentos próprios para jovens de camadas populares em contextos urbanos. Assim, a reprodução social específica de redes de relações de variadas intensidades (ver Bott, 1976; Motta e Scott, 1983) ocorre no encontro entre o campo religioso e o campo étário. Conecta hierarquias e redes que se particularizam, fazendo com que o que é entendido como “jovem” oscile com referência ao pertencimento religioso. Fazer parte da Igreja Católica, Presbiteriana ou da Assembléia de Deus são experiências diferentes. As habilidades e conhecimentos almejados através da participação, mesmo quando comuns a esses grupos, remetem os jovens à construção de relações sociais que operam em diferentes contextos locais dos bairros populares e das suas articulações com outros bairros e instituições na cidade.

Sem excluir a educação formal, este estudo embasa a compreensão da aquisição de habilidades e conhecimentos para além das “capacitações formais” (ver Madeira, 1998), tomando como referência os padrões de sociabilidade, como agir no dia a dia, procurar amizades, buscar com quem se relacionar, etc. – elementos cujas “escolas” se localizam também fora dos prédios do sistema educacional. Isso ocorre num processo interativo que vai muito além do conceito vertical clássico de socialização (Wulff, 1995; Sposito, 1995). Quando um grupo de jovens da igreja age, ele está criando uma “cultura juvenil” (Abramo, 1997), embutida nos contornos promovidos pela própria organiza-

ção da igreja, de acordo com a sua inscrição no espaço da moradia (Magnani, 1998; Scott e Franch, 2004).

A abordagem sobre aquisição de conhecimentos e habilidades nesta pesquisa é compartilhada por uma equipe internacional, que compara a juventude nas cidades do Recife (Brasil), Lusaka (Zâmbia) e Hanói (Vietnam),¹ combinando estudos transversais das esferas da escolarização, da moradia e da mídia com estudos de caso específicos que aprofundam assuntos relevantes para os jovens nas cidades, em cada nação estudada. A equipe de pesquisa no Recife² considera a pluralidade religiosa um elemento que marca diferenças muito significativas na realidade brasileira. O pesquisador Jonhny Cantarelli realizou a pesquisa de campo nos bairros de Vila Arraes e do Vietnam (bairro do Recife). Este trabalho envolveu dois meses de convivência com os grupos jovens das Igrejas que mais se destacavam nesses dois bairros vizinhos. É principalmente desta experiência que são tiradas as observações e interpretações apresentadas neste trabalho, mas, evidentemente, as experiências de campo de outros membros da equipe e dos próprios pesquisadores permitiram comparações que reforçaram essas interpretações (Scott, 1996, 2001, 2002; Franch 2000, 2001, 2002; Couto, 2000). Embora a referência com as práticas das camadas médias tenha servido como parâmetro importante para a análise comparativa em todas as cidades estudadas pela equipe internacional, e particularmente pela equipe do Recife (Scott e Franch, 2004), este artigo restringe-se às

¹ A pesquisa, coordenada por Karen Trinberg Hansen, intitula-se “*Os jovens e a cidade: habilidades, conhecimento e reprodução social*”, e é coordenada pelo Instituto de Antropologia da Universidade de Copenhague, trabalhando em parceria com instituições em cada país. O Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade, FAGES, da Universidade Federal de Pernambuco, associado aos programas de pós-graduação em Antropologia e Sociologia, é o colaborador institucional brasileiro.

² Participam da coordenação da equipe brasileira: Parry Scott; a Coordenadora Internacional responsável pelo projeto, no Brasil, Anne Line Dalsgaard; Mônica Franch, pesquisadora principal da equipe brasileira, e os pesquisadores responsáveis pelos estudos de caso: Jonhny Cantarelli, sobre religião, Madiana Rodrigues, sobre estígios, e Márcia Longhi, sobre informática.

observações de campo comparativas entre os três grupos religiosos pertencentes às camadas populares dos bairros enfocados.

Ao longo do trabalho dar-se-á atenção especial a quatro questões:

1) a articulação de jovens em “mundos morais” que apresentam uma semelhança pela própria questão da religiosidade, mas que se diferenciam notavelmente entre si;

2) a leitura que a comunidade faz das religiões, constituída por uma combinação de autoconceitos, de conceitos de outros grupos religiosos, e de conceitos de não-religiosos, revelando muitas especificidades e diversidades no interior de um bairro, relativamente homogeneizado pela sua condição de moradia separada administrativamente de outros bairros, mas que implica a circulação de pessoas por espaços intra e extra-comunitários diferentes;

3) a rigidez e a flexibilidade das redes de relações formadas em torno das práticas dos grupos das igrejas (Bott, 1976; Motta e Scott, 1983);

4) a forma como os jovens constroem e têm construído os diferenciadores de outras gerações e suas implicações na vivência da hierarquia e da autonomia, nessas condições.

Em suma, na busca de conhecimentos e habilidades, na condição de jovens associados a diferentes igrejas, criam-se muitas juventudes populares e uma multiplicidade de redes que abrem e fecham espaços para novas interações.

OBSERVANDO GRUPOS RELIGIOSOS DE JOVENS NOS BAIRROS

O trabalho de campo foi efetuado na comunidade do Vietnã, um local fruto de ocupações ocorridas na década de 60, cuja associação com bairros circunvizinhos é um assunto polêmico: ou faz parte de San Martin, ou de Bongí, ou de Torrões, de acordo com as preferências do informante. A outra comunidade foi Vila Arraes, uma antiga parte do bairro de San Martin, que redefiniu a sua localização para que a população pudesse ter

acesso aos serviços da unidade do programa de Saúde da Família (PSF) do Vietnã. A circulação se dá livremente entre as duas comunidades, mesmo diante de algumas diferenciações (ver Franch, 2000) não ressaltadas neste trabalho. A circulação de jovens entre grupos religiosos se dá, principalmente, entre o grupo católico e o presbiteriano.

Os critérios para participação em uma ou outra igreja da mesma religião, ou a sua eventual troca, não são definidos por limites geográficos, mas considerando os elementos de: (1) comodidade, o que faz com que se frequente uma igreja mais próxima de casa; (2) proximidade com pessoas previamente conhecidas; (3) integração, considerando o ambiente criado pelos participantes e (4) sintonia religiosa, que favorece a escolha de um sistema de crenças que formule explicações mais condizentes com o jovem demandante.

O mercado religioso local inclui também os bairros circunvizinhos. Dentro do bairro, há igrejas que datam dos anos sessenta, do início da história da comunidade, incluindo uma capela católica (associada a igrejas nos bairros maiores), duas igrejas presbiterianas e uma variedade de denominações evangélicas (*Batista, Deus é Amor, Igreja da Graça*, dois templos da *Assembléia de Deus* que têm, ainda, três pontos de louvação em casas de fiéis). Essas últimas foram sendo instaladas em diferentes períodos, evidenciando a ascensão local dessas crenças, que reflete padrões semelhantes em âmbito nacional.

Embora a equipe tenha se circulado com diversos jovens desses grupos, tanto nas igrejas quanto nas casas, nas ruas e nas suas outras atividades, a maior parte das observações e das entrevistas gravadas se concentraram em três grupos diferentes, um de cada tendência.

As igrejas e as relações sociais

Quando um jovem faz parte de uma Igreja, opta por pertencer a “uma comunidade moral”, compartilhando valores que servem para referenciar sua vida, tornando-se distinto dos outros que par-

ticipam de outras religiões ou crenças, ou que não participam em nenhuma outra iniciativa coletiva. A religião interage com outras dimensões da existência humana, criando propensões para ações por ela dirigidas. O âmbito das relações sociais que se estabelecem entre religiosos e não religiosos e entre religiosos de diferentes denominações e religiões estão sempre no centro da moral religiosa, informando essas relações. Mais que isso, a própria moral se constrói nessas relações. Isso pode ser visto no exemplo estudado das três denominações diferentes e pela maneira como elas são percebidas na comunidade. As opções se apresentam como possibilidades para os jovens populares se diferenciarem dentro das suas comunidades.

A Igreja Católica é sempre apontada pelas pessoas jovens e adultas das outras igrejas, como “desregrada” e “sem moral”, onde se pode “fazer o que se quer”. Os católicos “não são tementes a Deus”, e, acima de tudo, “permitem o uso de bebidas alcoólicas e do fumo”. Logo, do ponto de vista das religiões concorrentes, não é considerada uma boa igreja.

Já os próprios católicos enxergam a Igreja de outra maneira: vêem o “respeito à liberdade” como o principal valor da sua Igreja. Como contraste, apontam que, na Assembléia de Deus, o que não lhes agrada é justamente “não dar liberdade”, ser “muito autoritária” ou “ser muito rígida”. Do ponto de vista desses católicos, o vínculo com essas igrejas estabelece uma relação que “interfere demais na vida das pessoas”.

Os próprios membros da Assembléia de Deus reconhecem ser ela a igreja mais rígida existente na comunidade. Ao mesmo tempo, ressaltam que é o conjunto das regras instituídas pela religião que dá sentido à vida dos seus fiéis. Para eles, quanto menor o regramento, quanto menor a prescrição da correção moral das relações sociais, menos sentido tem a vida. “Aceitar” a religião, Jesus e o evangelho é uma opção que diferencia os indivíduos “religiosos” dos “mundanos”, e divide o mundo entre os “salvos” e os “não salvos”.

A Igreja Presbiteriana é interpretada pelas “outras” denominações e pelos próprios membros

como intermediária entre as duas anteriores. Não compartilha dos mesmos costumes dos católicos, não permitindo o uso de álcool, cigarros, frequência a bares ou a festas leigas, mas, com tudo isso, não se considera tão “radical” quanto a Assembléia de Deus.

Um elemento que diferencia a Igreja Presbiteriana da Assembléia de Deus, na postura diante do mundo, é a sua concepção da condição humana. Para a Assembléia de Deus, todo ser humano está “envolto no pecado”, “perdido” e “entregue às coisas do mundo”. Nessa condição, “depende da pessoa ser salva ou não, pois existe o livre arbítrio”. Para tal, é necessário tanto participar de uma comunidade religiosa que “glorifique a Jesus”, “reconheça-o como seu único salvador” como a obedecer aos ensinamentos, manifestações imprescindíveis para pertencer à comunidade de Deus. É justamente essa obediência às regras que leva à salvação.

A Presbiteriana, inversamente, influenciada pelo calvinismo, prega a doutrina da “predestinação”, ou seja, “o homem pode fazer o que quiser, não depende de si ser salvo”. Apesar disso (e em aparente contra-senso), é indispensável que o indivíduo tenha fé e execute “boas obras”, até porque é a partir delas que se distingue o salvo daquele não-salvo. Ou seja, não se constrói a salvação com as “boas obras”, mas realizá-las é uma manifestação pública da condição favorável diante de Deus e da salvação.

Em todas as Igrejas, os membros associados a redes sociais definidas pela condição de religiosidade criam uma identidade que os articula e produzem interpretações sobre as condições cotidianas que permeiam as relações sociais. No interior dessas relações, também constroem outras interpretações, como as relacionadas com gênero e geração, que despontam com conteúdos significativos.

Homens, mulheres e igrejas

A religiosidade cristã contribui para que homens e mulheres sejam tomados como “naturalmente” distintos nas suas dimensões biológica e sociocultural. Os membros das três Igrejas sempre apresentam uma passagem bíblica para justificar a idéia de que as mulheres devem ser subalternas aos homens. O livro *Gênesis* é o mais invocado, no qual se estabelece que, a princípio, Deus criou a mulher de uma parte do homem, para servir-lhe de companhia, o que por si só é considerado por religiosos como suficiente para justificar a subordinação feminina. Na prática, a Assembléia de Deus é a mais contundente na distinção entre homens e mulheres, chegando a separá-los durante os cultos.

As Igrejas interferem ainda nas relações familiares quando – novamente com mais rigidez entre aqueles participantes da Assembléia de Deus – prescrevem que a mulher, idealmente, é responsável pelas atividades domésticas, e o homem participa da vida pública, trabalhando para prover a família. Por sua vez, o papel feminino de cuidar da casa também é refletido nos cuidados com a própria igreja “assembleiana”, que são executados por mulheres. A própria prática da realização de cultos domésticos reforça ainda mais essa divisão tradicional de trabalho entre os dois sexos em relação à Igreja. Ademais, durante as cerimônias na igreja, as moças geralmente são responsáveis por cuidar das crianças presentes, encarregadas da tarefa de repassar-lhes conhecimento religioso e ensinar-lhes as músicas de louvor. Numa espécie de sacralização das hierarquias de gênero e geração internos ao grupo doméstico, pode-se dizer que a família se reproduz na Igreja, ao mesmo tempo em que a Igreja se reproduz na família.

Entre católicos, a religião opera as mesmas distinções, apoiadas nas doutrinas, mas demonstra a sua liberalidade relativa, com uma separação muito menos evidente nas relações de gênero. Aparecem espaços para a realização masculina e feminina, de acordo com as dimensões mais universais das transformações históricas na estrutura

social total, criando espaços possíveis para a ruptura. Como a Igreja atravessa um leque amplo de tendências, desde o conservadorismo exacerbado, refletido nos ditames papais, até as práticas de liberação democrática de comunidades eclesiais de base, ela não oferece nenhum código moral homogêneo para ser seguido. Nesse sentido, os dogmas que reforçam a divisão rígida de gênero têm oportunidades de serem desfeitos na prática cotidiana dessa religião hegemônica brasileira.

Na Igreja Presbiteriana, há um maior incentivo à participação das mulheres no âmbito público da sociedade, através do estímulo aos estudos e à profissionalização, com vistas à execução do trabalho externos à casa. Não há apresentação de restrições em relação ao homem executar trabalhos tidos como tradicionalmente femininos, como limpeza da casa e da igreja e serviços de cozinha. Durante os cultos, todos sentam onde querem.

Mesmo que haja diferenças nítidas de tratamento da questão das desigualdades de gênero entre os fiéis dessas três Igrejas, é importante ressaltar que, sem exceção, os cargos mais altos na hierarquia estão privilegiadamente reservados aos homens. Assim, participar de uma Igreja constitui-se numa experiência que reproduz a divisão hierárquica entre os gêneros, mas com delimitações e controles muito diferenciados, de acordo com a denominação escolhida.

Juventude religiosa

Como é apontado na literatura a respeito, a juventude é uma categoria e uma condição relativa, já que opera em diferentes contextos e apresenta variações do seu significado dentro de cada contexto. A idade cronológica e o desenvolvimento do corpo a ela relacionada não deve ser tomada como único demarcador para defini-la. As instituições sociais se encarregam de atribuir diferentes significados à juventude, delimitando definições singulares e variáveis. Ao reconhecer-se o caráter relativo da juventude, reconhece-se, a um só tempo, a multiplicidade dessa condição, o que

permite falar-se em “juventudes”, no plural, como faz Alvim (2004).

É no âmbito da Assembléia de Deus que se encontra a mais clara definição de “juventude”. Na prática dessa igreja, há duas “juventudes” demarcadas cronologicamente: a primeira é a adolescência, iniciada aos onze e que se finda aos dezoito anos. A segunda é definida pelo termo de “Mocidade”, iniciando-se aos dezoito anos e sem idade precisa para terminar. Há jovens, por exemplo, com trinta e oito anos na igreja observada, pois o que determina a passagem dessa fase para a fase adulta é o casamento, o que é muito condizente com a forte valorização das hierarquias familiares apontadas anteriormente.

A aquisição de novas responsabilidades advindas do casamento conforma a inserção de homens e mulheres na fase adulta perante a igreja. O homem se torna responsável pelo provimento da família, e a mulher sai da condição de filha e, casada, assume o papel de esposa, mãe e “cuidadora”, muito bem afinada com as definições tradicionais de “responsabilidades de adultos”.

Na Igreja Presbiteriana, o principal demarcador geracional é a idade em faixas semelhantes àquelas definidas na Assembléia. Também há duas juventudes que estão institucionalmente bem acomodadas na “UPA” (União Presbiteriana de Adolescentes) e na “Mocidade”. Na primeira, encontram-se jovens com idade entre 11 e 17 anos, e na segunda, aqueles entre 18 e 35 anos.

Mesmo “permitindo” à pessoa casada fazer parte da “Mocidade”, quem casa prefere geralmente integrar-se à “SAF” (Sociedade Auxiliadora Feminina) ou à “UPH” (União Presbiteriana de Homens). Ou seja, unir-se maritalmente promove a intensificação da divisão dos sexos (conf. Bott, 1976). A mudança nos grupos de pertencimento se dá porque se considera que a “Mocidade” é “menos séria”, e, por conseqüência, simbolicamente mais próxima aos solteiros do que aos casados. Assim, mesmo que não haja a indicação por parte da Igreja de que casar implica a passagem à fase adulta, quem é casado e quer exprimir sua seriedade não participa do grupo da “Mocidade”, con-

siderado muito festivo. Isso se constitui em uma forma de ensinamento sobre em que redes de relações as pessoas podem agir, pois, se a “festividade” da mocidade promove encontros entre pessoas descomprometidas conjugalmente, tal “festividade” não seria adequada à sociabilidade dos já casados, que optam, então, por manifestar simbolicamente a sua fidelidade ao cônjuge.

Os católicos adotam uma definição de juventude que se diferencia das demais: não são as variáveis idade ou casamento que delimitam a condição de juventude, mas sim um “estado espiritual”: o “jovem de espírito é uma pessoa animada, uma pessoa alegre”, uma pessoa que “coloca as pessoas pra cima, que não é aquela pessoa morta”.

Na igreja católica das comunidades observadas, o grupo de jovens faz suas reuniões semanalmente, para programar atividades religiosas e leigas. Esse grupo é o único responsável pelos cuidados da igreja. Responsabiliza-se desde a limpeza e manutenção da estrutura física até a organização das missas e o auxílio ao padre. Sem o grupo, seriam praticamente inviáveis as missas, o que denota ser grande a responsabilidade que recai sobre os jovens na manutenção da Igreja Católica. Esse jogo entre “jovialidade” numa mão e “responsabilidade redobrada” na outra permite que a prestação de serviços à igreja seja feita num ambiente bastante descontraído.

Quando se trata da divisão do trabalho religioso, os grupos das outras Igrejas também não são muito diferentes. “Assembleianos” e presbiterianos se envolvem em outros tipos de atividades que extrapolam os cuidados com a igreja e a parte logística. São os responsáveis por cultos, nos quais oram, cantam e dão o seu “testemunho”. Geralmente os jovens são responsáveis pelo andamento musical de todos os cultos, elemento fundamental, pois é também através da música que se dá a imanência do estado material ao espiritual, ao “contato com o Deus”. A própria música, em que são inscritas as mensagens religiosas, constituem também instrumentos de animação, alegria e harmonia, tornando-se uma dimensão privilegiada para a promoção da adesão juvenil à igreja.

A evangelização é fundamental para a manutenção e o crescimento dessas Igrejas. Consiste, partir das leituras bíblicas, em apresentar a vida religiosa em contraposição à mundana, mostrando-a como melhor, superior e correta e, assim, capaz de convencer os “não-crentes” a aceitar Jesus, convertendo-os à Igreja. Quem consegue converter alguém é considerado uma “árvore frutífera”. A evangelização é feita no dia a dia, individualmente. Todos aqueles convertidos e batizados devem tentar converter outras pessoas que não pertenciam à sua Igreja. Coletivamente, grupos (da Assembléia, divididos por gênero; e, em ambas as igrejas, por geração) vão às ruas da cidade e de outras cidades, com o intuito de converter pessoas. Lembrando a importância das doutrinas religiosas, esse trabalho é muito mais enfatizado e eficaz entre os seguidores da Assembléia de Deus, já que eles partem do princípio de que todos estão perdidos, mas que qualquer um pode ser salvo.

Os jovens cumprem importante papel no crescimento da Igreja, ao converterem outros jovens mundanos considerados “perigosos”, no sentido de que essa fase da vida é tida como da “descoberta do mundo”, “da vida”, em que se “corre o risco de se envolver com o mal”. O jovem religioso é uma contraposição aos “jovens do mundo”. Essa concepção permeia as três igrejas, com menor intensidade entre católicos, até por serem eles mesmos também considerados parte dessa “juventude não religiosa”, na visão evangélica. A “outra juventude” sempre é apresentada como negativa, pautada no ócio e, por isso, fadada a se envolver com a criminalidade, com as drogas, o que implicaria a sua “destruição”, a sua “morte”, no caso dos homens, ou a “prostituição”, no caso das mulheres.

Além dos grupos jovens tirarem os outros do “mundano”, na igreja eles têm como uma finalidade procurar manter os próprios jovens religiosos ocupados, distanciando-os do “mundano”. “Mente desocupada, oficina do diabo” é a frase que serve para definir a juventude não religiosa como ociosa e, ao mesmo tempo, afirmar a necessidade de manter os jovens ocupados, tanto os

religiosos quanto os não religiosos.³

Entre os católicos, a concepção de “juventude problema” é interpretada como um estigma dependente da classe social. Quando o jovem é dos estratos baixos, além de ter poucas oportunidades de ascensão social, sempre é compreendido como criminoso e desvalorizado pela sociedade. O grupo de jovens e a Igreja tomam para si um papel fundamental da “conscientização desta situação”, e, ao mesmo tempo investem, mesmo que precariamente, na sua “melhoria de vida”.

“O jovem de hoje é o adulto de amanhã.” Sendo assim, as funções desempenhadas na igreja por essa fase geracional é uma preparação para a assunção dos papéis que os adultos desempenham hoje, ou seja, a igreja investe na sua manutenção ou reprodução: *“o jovem de hoje é a Igreja de amanhã”*.

Para garantir a reprodução, usam-se as denominações religiosas para criar um ambiente acolhedor, que aproxima as pessoas umas das outras, estendendo as suas relações a outras dimensões da vida, além da religiosa. Por mais que todas as religiões se entendam como seletivamente positivas e institucionalizem essa visão na inclusão dos jovens em concepções e estruturas organizacionais que os diferenciam de “outros jovens”, as implicações dessas redes sociais assim criadas não são restritas à esfera da religião, mas terminam por influenciar “maneiras de interagir”.

JUVENTUDE, SOCIALIZAÇÃO E SOCIABILIDADE

Participar nos grupos jovens, além de um ato de socialização, a partir do qual se instauram as regras que orientam a ação, possibilita-lhes excelentes espaços de sociabilidade, em que as relações extrapolam as igrejas e o trabalho devocional. Essas relações estendem-se a outras dimensões do cotidiano, criando uma identificação e distinguin-

³ Ver Franch, 2000, 2001 e De Masi, 2000, para discussões sobre esse assunto.

do cada grupo entre si e em relação à comunidade como um todo e ao seu complexo religioso. Articulam-se ainda com uma multiplicidade de outros campos onde os jovens religiosos constroem os seus capitais sociais e culturais.

Relações entre as “comunidades”

Os católicos não se sentem diferentes das demais pessoas da comunidade, porque, segundo eles, a maior parte é católica. Dessa forma, em geral, avaliam positivamente suas relações com os outros. Os representantes das demais religiões afirmam que, se depender deles, vivem todos na mais profunda harmonia. Quando se busca aprofundar o conteúdo das relações da comunidade com as pessoas da Igreja Presbiteriana e da Assembléia de Deus, evidencia-se que, com a primeira, as relações são consideradas boas, embora não seja esse o caso da segunda. Fala-se constantemente que os assembleianos “não respeitam a religião dos outros”, que “acham que só eles estão salvos”, o que é considerado desagradável. Essa queixa é contrabalançada apenas parcialmente, tanto por católicos quanto por presbiterianos, pelo reconhecimento da intensidade da dedicação dos membros das demais igrejas à religião, ressaltando a grande força da forma da evangelização da Assembléia.

Os presbiterianos são reconhecidos, na comunidade, principalmente pelas suas “obras sociais”. Logo, mantêm, em geral, boas relações com o resto da comunidade. Embora não concordem com a Igreja Católica em várias questões, na sua diferenciação, afirmam procurar “respeitar” os católicos, pois “são todos seres humanos e todo humano merece respeito”. As outras religiões suscitam diferentes qualidades de relações inter-religiosas. Como já foi dito, sentem uma dificuldade em se relacionar com as pessoas da Assembléia de Deus. Mas os jovens da Igreja Presbiteriana têm grande proximidade com os jovens da Igreja Batista, duas das grandes igrejas protestantes históricas evidentes nas comunidades de baixa renda. No bairro, membros das duas igrejas formaram uma banda

mista, o que ressalta a possibilidade de circulação livre entre as duas. Mais uma vez, a Assembléia se diferencia delas quanto a esse aspecto, pois não há liberdade para os jovens participarem de cultos de outras denominações.

Como se vê, os principais conflitos explícitos entre Igrejas se dão em torno da Assembléia de Deus, pela impenetrabilidade do seu grupo. Os seus adeptos são, por sua vez, muito auto-referidos e não fazem questão de articular-se com outras Igrejas. Pelo contrário, exaltam a diferença, negando as demais. Os assembleianos demonstram que os católicos estão “errados” na sua forma de louvar e que vão tentar sempre “mostrar a verdade para eles”, ou seja, que a sua Igreja está no caminho certo, por “adorar única e exclusivamente a Deus” e ter “Jesus como Salvador”. Em relação aos presbiterianos e batistas, também se reconhecem como diferentes. Afirmam que eles se assemelham aos católicos, principalmente na forma de se vestir. Para distinguirem-se quanto a esse aspecto, estabelecem para si, para homens e mulheres, vestimentas compridas e não coloridas, diferentes das roupas das “outras pessoas”. A permissividade daquelas igrejas é o alvo fundamental de sua crítica.

Enquanto os jovens de outras religiões conhecem outros jovens pertencentes a outras denominações e formam até amizades iniciadas com pretextos religiosos, os jovens da Assembléia de Deus afirmam tentar evitar amizades inter-religiosas ou convivência prolongada. O contato entre religiões é nocivo à continuação da fé e ao pertencimento ao seu grupo.

No cotidiano da comunidade, é muito fácil distinguir os assembleianos dos demais cidadãos. Entre os pontos de encontro mais freqüentados estão uma barbearia de um “irmão”, ou a casa de um “irmão”, ou a frente de uma das igrejas. Nesses pontos de encontro predomina a presença masculina, já que as mulheres e moças passam mais tempo dentro de suas casas. A constante circulação de crentes que se reúnem com muita freqüência em pontos diferentes para fazer adoração resulta numa presença de grupelhos andando e conversando. Os interlocutores preferidos são os

do próprio grupo, com os quais abordam um leque variado de assuntos, além de religião: crimes, política, trabalho, família, vizinhos e outros membros da igreja. Não deixa de haver um toque constante de vigilância contínua da religiosidade. A pequena dimensão da comunidade, cujas casas, coladas umas às outras, permitem que se saiba o que o vizinho está fazendo, favorece intensas focas. Não havendo muita privacidade, com a moralidade dos outros sempre posta em debate, as várias dimensões das vidas de cada um unificam constantemente o espaço privado e o público.

Nos pontos de encontro, sempre há alguns jovens que, embora interajam mais com seus pares da mesma geração, constituem-se em referências, por estarem sempre recebendo ensinamentos de pessoas mais altas na hierarquia da igreja. Eles se tornam “sub-vigilantes”, mantidos sob a tutela de um adulto, recebendo e distribuindo sanções que contribuirão para a manutenção da moral religiosa, quando necessárias. Esse processo constitui um poder disciplinar que atua no cotidiano, preservando o conteúdo da moral do grupo.

Relações entre membros dos grupos

A relação entre os jovens das Igrejas se estende ao cotidiano. É comum se encontrarem, juntos, integrantes dos grupos, mesmo quando se trata de outras questões que não expressamente de finalidade religiosa. Eles afirmam que essa “amizade” é positiva para a vida do religioso, pois fortalece a fé. Isso é comum a todos os três grupos observados: católicos, presbiterianos e assembleianos.

Como observam Scott e Franch (2004), a amizade entre eles faz com que se visitem em suas casas, tornando-se a moradia um espaço primordial para a formação de redes de sociabilidade. As famílias se conhecem no cotidiano, estendendo facilmente esse conhecimento aos grupos e às igrejas, interpretados como uma “grande família”. No caso, evocar a palavra “família” é chamar atenção para as dimensões de solidariedade do grupo.

Com frequência, os líderes dos grupos

presbiteriano e católico se engajam em círculos de amizades, pois são jovens e compartilham das mesmas experiências cotidianas. A importância da integração de amizades nesse grupo etário é notável, como já ressaltaram muitos autores já citados que trabalharam sobre o tema da juventude. Por outro lado, nos grupos da Assembléia, o líder tem mais idade, situando-se em outra geração e não compartilhando do mesmo círculo de amizades, nem das mesmas experiências dos demais jovens. Ao invés da procura horizontal de amizades entre jovens, o grupo assembleiano deposita no seu líder uma procura mais verticalizada e hierárquica, vendo nele “um pai”, um “conselheiro”, alguém que “tem mais experiência” e que, portanto, “deve ser seguido”.

Como não podia deixar de ser, a relação entre jovens religiosos se estende aos lazeres e às diversões. Lazer e diversão são situações diversas, segundo os próprios integrantes dos grupos, que definem a diversão como o “sair para algum lugar para se divertir” e voltar em seguida, ou seja, algo mais rápido que o lazer. O lazer seria a diversão mais demorada, que exige dispêndio de energias, de tempo e até de dinheiro. Enquanto a momentaneidade da diversão cria uma intensidade de relações sociais em torno de um evento específico, o lazer está associado à repetição de oportunidades que a condição social oferece às pessoas. O mesmo jovem que “se diverte” pode sentir que não tem opções de “lazer”, porque, mesmo quando tem tempo, não tem condições para tornar as suas ações regularmente mais “prazerosas.” Embora não ter nada a fazer (ver Franch, 2002) faça parte da litania desses jovens de camadas populares, o acanhamento das oportunidades pode resultar em insistência no discurso de que os jovens não têm “lazer”, ou no discurso posterior de que “eu não tive infância”. Independentemente dessas distinções, a diversão e o lazer são uma busca constante entre os jovens, entendidos, inclusive, como um direito.

Para se divertir, o pessoal do grupo católico costuma ir aos *shoppings centers* da cidade, aos cinemas, às pizzarias, aos bares, e, inclusive, às

casas noturnas. Não raramente fazem suas próprias festas na casa de um ou outro membro. Invariavelmente os homens são apontados como os que mais saem, os que mais se divertem. Entre as atividades de lazer realizadas, além de ficar pelo bairro, há o passear aos domingos no Horto Zoobotânico de Dois Irmãos, fazer piquenique, ir ao Parque 13 de Maio, no centro da cidade. Outra opção, mais estreitamente relacionada à igreja, é se dirigir à “casa dos padres Salesianos”, um retiro espiritual em Jaboatão dos Guararapes, onde podem passar fins de semana.

Jovens presbiterianos do bairro também gostam de passear no *shopping* e de ir a restaurantes e pizzarias para se divertir. Formam grupos musicais e tocam nas suas e nas outras igrejas. Fazem “acampamentos”, viajam em grupo para cidades próximas e se alojam em escolas e clubes, como lazer. Homens e mulheres jovens participam das mesmas atividades, inclusive as esportivas. Essas atividades, mais intensas que as patrocinadas pela Igreja Católica, marcam muito a juventude para os presbiterianos.

No caso da Assembléia de Deus, salvo uma ida ocasional a Dois Irmãos ou a outros locais (sobretudo para os rapazes), toda diversão é religiosa e acontece quando visitam outras igrejas, ou eventos que unem pessoas de várias igrejas. Tenta-se promover a interação entre os jovens das diferentes igrejas, integrando os “iguais”.

Quando se faz referência ao lazer e à diversão, sempre se ressaltam as oportunidades para os homens jovens, mas a observação aponta para o fato de que os grupos são mistos, inclusive com prevalência frequentemente feminina. Há uma construção de imagem pública sobre os rapazes, associada à diversão na rua, reservando-se os espaços domésticos mais para as mulheres. A condição de ser grupo misto possibilita namoros entre os seus membros. Embora seja unânime a afirmação de que o ideal é namorar pessoas da mesma religião, para evitar conflitos religiosos, o namoro não é muito restrito aos grupos religiosos.

Na Igreja Católica, os jovens não apenas namoram, mas também “ficam”. O “ficar” envolve

menos responsabilidades entre os jovens envolvidos, mas não é apresentado nem por homens nem por mulheres como um tipo de relação ideal. Preferem ter um “namorado fixo”. Como a sociabilidade jovem está em “alta”, a maioria desses jovens (especialmente os homens) silencia sobre as suas intenções de casamento.

Já os assembleianos e presbiterianos não consideram “certo” o “ficar”. Para eles, só pode haver namoro sério com intenção de casar-se e constituir família. Assim deve-se evitar ao máximo “ficar experimentando”. Esse “namorar pra casar” é apresentado como marca distintiva dos jovens evangélicos, em contraposição à “outra juventude”. Mais uma vez, a intensidade dos códigos morais e de vigilância é muito maior para os assembleianos. Durante os cultos na Assembléia, os jovens ficam separados dos adultos, e as mulheres separadas dos homens. Esses arranjos dificultam que a presença no culto resulte numa atração para namoro entre eles.

RELIGIÃO, CONHECIMENTOS E HABILIDADES

O pertencimento a uma determinada religião vai muito além de se preparar para uma integração àquele segmento religioso diferenciado do restante da sociedade, pois ele se reflete em muitas outras instâncias da vida social. Tem conseqüências sobre a aquisição de conhecimentos e habilidades, mais ou menos de acordo com cada uma e da forma como esses jovens se relacionam com pessoas de outras religiões.

Em se tratando de aquisição de conhecimentos, a educação formal é a base comum de formação para todas as denominações. Tomando em conta a tendência para investir mais anos dedicados ao estudo, mesmo assim pode-se dizer que o nível educacional dos católicos não se distingue significativamente do nível geral de toda a comunidade. Diferentemente, a Igreja Presbiteriana desencadeia em seus membros um forte desejo de ascensão na hierarquia do conhecimento, embora a salvação seja

fruto de uma predestinação, não se sabendo quem está salvo, cabendo a todos os indivíduos ter fé e executar boas obras. Nesse sentido, o desenvolvimento explícito da capacidade cognitiva e a aquisição de conhecimentos seriam facilitadores da ascensão social, condição para a execução dessas “boas obras”. A fé ficaria a cargo dos ensinamentos da Igreja. Assim, todos os integrantes da “Mocidade presbiteriana”, na comunidade estudada, concluíram o ensino médio. A própria história da Igreja Presbiteriana no bairro mostra, desde o início, um incentivo à educação, pela manutenção de uma escola aberta a toda a comunidade em geral. A “Mocidade assembleiana”, por outro lado, situa-se no outro lado desse espectro: mesmo que muitos tenham concluído o ensino fundamental ou básico, poucos completaram o ensino médio.

Para os presbiterianos, outra forma de incentivar a aquisição de conhecimentos seria através da perseverança e segurança que a idéia de Deus transmite. Uma moça explica:

Eu acho que minha mente ficou mais aberta depois que entrei pra igreja; eu acho que no colégio também ficou bem mais fácil. (...) assim... é... digamos uma prova, aí eu: meu Deus, eu não vou conseguir não. Aí eu penso já o contrário: ai meu Deus, eu vou conseguir, estás comigo, eu consigo.

Os grupos de jovens da presbiteriana e da capela também constituem espaços onde circulam informações sobre vários temas, entre eles o da oferta educacional. Os cursinhos pré-vestibulares, que são vistos por esses jovens como uma necessidade, reforçam o reconhecimento da má qualidade do aprendizado que adquiriram nas escolas públicas disponíveis para a comunidade. Os estudantes vêem, nesses cursos, a perspectiva de entrada em universidades, logo de um futuro melhor. Se os presbiterianos são os que mais ativamente procuram esses cursos, não são os únicos. Os católicos também os procuram, observando-se, na época da pesquisa, uma oferta desses cursos por essa Igreja.

A Igreja Presbiteriana não se limita ao ensino. Mantém um banco de dados que informa a abertura de concursos públicos, incluindo infor-

mações sobre os requisitos, o local e o valor de inscrição. Faz circular mensalmente um jornalzinho informativo que, entre outras notícias, traz essas informações. Ademais, alguns membros dão aulas àqueles que pretendem prestar os concursos, sejam presbiterianos ou não. A vinculação da Igreja Presbiteriana com a função de difusão de conhecimentos na área de educação formal e procura de emprego é muito forte. Esse incentivo ao estudo e à valorização da ascensão social é um dos “cartões-postais” mais valorizados pelos seus adeptos.

A Assembléia de Deus é diferente. Segundo um dirigente da Mocidade, “não é que a igreja não se preocupe com a vida material, mas o seu foco principal é a vida espiritual”. As atividades das Igrejas muitas vezes se sobrepõem à atividade educacional formal, como durante o “Pré-congresso de jovens da Assembléia de Deus”, realizado no período da pesquisa, em que a Assembléia incentivava que os jovens participassem, o que resultou em muitos jovens faltarem às aulas.

A Assembléia de Deus incentiva os jovens, principalmente os homens, a procurarem eles mesmos formas de se profissionalizar e de tentar arranjar trabalho, o que é apontado como necessário para a manutenção da vida, mas não como esfera da religião. Esse posicionamento, mais uma vez, está condicionado pelo que consideram ser a “função da Igreja”. Disse o dirigente da Mocidade: “A Igreja é cem por cento espiritual e não uma agência de empregos”. No geral, não se discorda do posicionamento da Igreja em relação à questão espiritual, mas a postura de não oferecer algo que, diretamente, possa mudar a vida material, é criticada pelos jovens, tomando como referência a Igreja Presbiteriana. Estabelece-se, então, uma competição no mercado religioso, devido às posturas diferentes das Igrejas diante dos anseios dos jovens.

É comum à Assembléia de Deus e à Igreja Presbiteriana a formação de grupos musicais associados diretamente à igreja, incluindo os “órgãos”, com corais apenas de vozes, e os “eletrônicas”, que são bandas musicais instrumentadas. Quase todos os jovens desses grupos tocam algum ins-

trumento musical, o que interpretam como um aprendizado passível de ser utilizado como profissão, já que, “existem pessoas que ganham a vida tocando música evangélica”. É um importante aprendizado que é repassado entre os próprios componentes das igrejas. Fora isso, já se mencionou a banda composta de jovens das igrejas presbiteriana e batista.

A igreja católica e a presbiteriana fundaram escolas profissionalizantes. As duas escolas têm em comum o público, que é composto de jovens com idade entre 14 e 21 anos, de comunidades carentes adjacentes aos locais das suas instalações, como é o Vietnam, Vila Arraes e Roda de Fogo. Mais do que ecumênicos, esses cursos chegam a se apresentar quase como laicos, pois a demanda independe da orientação religiosa dos alunos. A maior parte das pessoas que participa dos cursos não tem qualquer vínculo firme com as instituições religiosas.

Na escola católica, os cursos oferecidos são os de eletricitista, marcenaria, serralharia, padeiro, computação (básica e gráfica), gráfica, cabeleireiro, música e dança. Vários integrantes do grupo católico fizeram cursos na escola de artes, e alguns deles conseguiram se inserir no mercado de trabalho a partir do aprendizado que se iniciou ali. Os cursos oferecidos pela escola presbiteriana são semelhantes: informática básica, auxiliar de escritório, serralharia, bombeiro hidráulico, eletricitista, manicura e cabeleireiro. Atualmente, dividido em quatro prédios, o “projeto” abriga mais de trezentas crianças e jovens. Evidentemente, são cursos que capacitam para trabalho autônomo ou de remuneração módica, retratando as reais limitações impostas às aspirações coletivas.

Para participar dos cursos, em ambas as escolas, o interessado passa por uma seleção, já que a demanda é alta. Todos os membros dos grupos consideram a importância dos cursos oferecidos pelas escolas, mas reconhecem que não são suficientes para se conseguir trabalho, já que apenas uma parcela ínfima dos que concluem os cursos conseguem uma colocação. Falta a experiência, condição requerida pelo mercado de trabalho.

Apesar disso, o aprendizado não é considerado “perdido”, pois, em alguns casos, pode ser utilizado no cotidiano, como, por exemplo, nas atividades domésticas.

Ao se avaliar a qualidade dos cursos oferecidos nas duas escolas, sempre se destacam os aspectos positivos, seja porque eles introduzem as pessoas em um aprendizado antes desconhecido, seja porque apresentam alguma utilidade prática, ou mesmo pela simples valorização do aprendizado como elemento que contribui para o incremento do capital social e cultural dos alunos.

HABILIDADES, CONHECIMENTO E ADESÃO RELIGIOSA JUVENIL

Jovens católicos, presbiterianos e assembleianos das camadas populares estão num processo intenso de estabelecer redes sociais e adquirir habilidades e conhecimento que possam orientar as suas vidas. Mesmo que todos provenham do mesmo contexto comunitário, a segmentação das redes configura “pedaços”⁴ diferenciados, onde o capital social e cultural destes jovens possibilite que partam de pontos diferentes para realizar as suas estratégias de negociações nos espaços reconhecidos dentro e fora do bairro.

Os jovens assembleianos restringem as suas atividades de procura de intensificação de relações sociais em redes estreitas, relativamente impermeabilizadas à penetração externa. A força moral de uma doutrina é prática que exige respeito, marcado por hierarquias de gênero e geração. Ao afastar o grupo dos demais, acaba por exercer um efeito contrário na perspectiva interna do grupo, onde a interconexão e circulação de informações são particularmente fortes. Auto-referidos, contam com uma forte rede mundial de apoio, que pode oferecer oportunidades para circulação intra-religiosa e extracomunitária. A proteção religiosa é que matiza a aquisição de habilidades e conhecimento des-

⁴ No sentido atribuído por Magnani (1998).

se grupo, sempre centrada no plano de reforço interno. A demarcação física e social da sua diferença na comunidade é o convite para um intenso convívio que não favorece inserções mais profundas em redes de educação formal que possam levar a divergências ou afastamentos do grupo. O jovem da Assembléia de Deus renega muitos dos valores sobre a liberdade e autonomia que circulam na mídia e na sociedade mais ampla, o que se coaduna perfeitamente com a observação de Couto (2000) sobre as tendências da conversão a esse grupo se manifestarem em idades mais avançadas, quando outros valores estão sobrepujando a formação familiar.

O jovem presbiteriano aposta num outro capital social e cultural. A própria igreja incentiva a inserção dos jovens numa multiplicidade de atividades, sempre tendo o cuidado de direcioná-los para aquelas que possam permitir avanços individuais via uma diferenciação educacional e uma consciência de oportunidades no mercado de trabalho. As boas obras e uma “moral” que prescreve restrições relativamente suaves às práticas de namoro e procura de diversão, especialmente quando comparadas com as dos assembleianos, constituem-se num conjunto de atividades que promove a experiência extra-comunitária e a convivência intensa dos próprios jovens. Essa convergência cria um ambiente de estímulo mútuo para a procura de inserções de jovens capacitados e dedicados, que sabem ir além dos espaços mais restritos do seu bairro, adquirindo educação formal e sabendo se associar também com pessoas de diversas origens.

Os jovens católicos manifestam todos os sintomas de pertencerem a uma religião hegemônica, independentemente da tendência histórica recente do crescimento das religiões evangélicas. Não é fácil distinguir o jovem católico de outros jovens, nem diferenciar os católicos dos não-católicos (digase, dos que não professam pertencimento religioso), e é esse mesmo fato que os jovens terminam por prezar ao enaltecer a liberdade e a autonomia que a sua igreja permite. Se quiserem, a igreja oferece grupos de convívio e oportunidades de capacitação. O estímulo à educação é mais difuso,

e não é voltado para os jovens se tornarem “diferentes” do segmento social predominante no bairro. A igreja a que pertencem emite sinais de forte moralização conservadora nos seus pronunciamentos gerais, mas comunica uma permissividade nas suas práticas. Disso resulta o fato de os jovens adquirirem habilidades capazes de inseri-los numa diversidade de situações, sem que procurem se destacar como “diferenciados”. O seu capital social e cultural circula “livre e autonomamente” pela comunidade. Adquirem, pois, a capacidade de “ser como os outros”.

Uma nota final precisa ser lembrada, num esforço de homogeneizar o que acaba de ser diferenciado. Os jovens de igrejas, em si, são um segmento que se destaca de outros jovens. Lançam mão dos sinais diacríticos que marcam a juventude, como lazer, sociabilidade, namoros, músicas, aprendizado e educação, e coloreem esses sinais com a particularidade das suas denominações religiosas. A convergência de todos esses grupos é a condição de serem jovens e de estarem construindo redes, na expectativa de convivência ou de superação da sua condição de camadas populares.

(Recebido para publicação em novembro de 2004)
(Aceito em dezembro de 2004)

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. [S.l.], n.5/6, p. 25-36, maio-dez., 1997. Número especial: Juventude e Contemporaneidade.
- ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virginia de; SPOSITO, Marília P. (Orgs.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- ALVIM, Rosilene. Olhares sobre a juventude. *Comunicações do ISER*. [S.l.], v. 21, p. 44-61, 2002. Ed. especial.
- ALVIM, Rosilene (Org.). *Juventudes*. João Pessoa: Editora UFPB, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: *QUESTÕES de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

- CASTRO, Mary Garcia. Violências, juventudes e educação: notas sobre o estado do conhecimento. *Revista Brasileira de Estudos de População*. [S.l.], v. 19, n. 1, p. 5-28, jan./jul. 2002.
- COUTO, Márcia Thereza. *Pluralismo religioso em famílias populares: poder, gênero e reprodução*. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia), UFPE, Recife.
- DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- FRANCH, Mónica. *Tardes ao léu. Um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPE, Recife.
- _____. *Mente ociosa, oficina do diabo: reflexões sobre as agências juvenis numa comunidade de baixa renda no Recife*. *Revista de Antropologia*, Recife, PPGA/UFPE, v. 13, p. 595-607, 2001.
- _____. *Nada para fazer? Um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife*. *Revista Brasileira de Estudos de População*. [S.l.], v. 19, n. 2, p. 117-134, jul./dez., 2002.
- MADEIRA, Felícia Reicher. *Recado dos jovens: Mais qualificação*. In: JOVENS acontecendo na trilha das políticas públicas. Brasília, CNPD, 1998.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa e seus efeitos na esfera familiar*. Campinas: Editora Autores Associados/ ANPOCS, 1996.
- MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço. Cultura popular e lazer na cidade*. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1998.
- MARTÍN CRIADO, Enrique. *Producir la juventud. Crítica a la sociología de la juventud*. Madrid: Ed. Istmo, 1998.
- MOTTA, Roberto; SCOTT, R. Parry. *Sobrevivência e fontes de renda – Estratégias das famílias de baixa renda no Recife*. Recife: Sudene/Ed. Massangana, 1983.
- NOVAES, Regina. *Juventude e religião: marcas geracionais e novas modalidades sincréticas*. In: FIEIS e cidadãos: percursos do sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 181-207.
- PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- SCOTT, R. Parry. *Saúde e pobreza no Recife: poder, gênero e representação de doenças no bairro do Ibura*. Recife: Editora Universitária UFPE-JICA, 1996.
- _____. *Quase adulta, quase velha: por que antecipar as fases do ciclo vital? Interface – Comunicação, Saúde, Educação*. [S.l.], v. 5, n. 8, p. 61-62, 2001.
- _____. *Envelhecimento e juventude no Japão e no Brasil: idosos, jovens e a problematização da saúde reprodutiva*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.
- SPOSITO, Marília Pontes. *A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade*. *Tempo Social: revista de sociologia da USP*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 161-178, nov. 1994.
- WULFF, Helena. *Introducing youth culture in its own right: the state of the art and new possibilities*. In: _____; AMIT-TALAI, Vered (Eds.). *Youth Cultures: a cross-cultural perspective*. London/New York: Routledge, 1995.